



NA MATA ATLÂNTICA: na região de Registro, palmeiros praticam a extração há décadas

Morte na guerrilha do palmito

No cenário exuberante da Mata Atlântica, no Vale do Ribeira, os caçadores de palmito enfrentam a lei e a autoridade dos guardas-parques e policiais florestais para garantir seu sustento. Combate antigo, agora promete mais violência desde que o palmeiro Odair caiu morto por um tiro do guarda-parque José Vieira. Por **Valdir Sanches**

Dois vidas e 20 mil pés da palmeira juçara, de onde se extrai o palmito, perderam-se no conflito que, no estilo da guerrilha, trava-se nos parques estaduais do Vale do Ribeira, sul do Estado.

Os efetivos oficiais tiveram uma baixa há três anos, quando um palmeiro matou um guarda-parque. No último dia 17, um sábado, um guarda-parque matou Odair Alves de Souza, palmeiro. Na pobre vila de Saibadela, onde ficaram a viúva de Odair e dois filhos, os palmeiros falam em confronto. Estão revoltados. "Nós vamos para o mato preparados para enfrentar eles", diz Reginaldo Alves de Souza, 24 anos. Seus colegas fazem coro.

Na vila, todos sabem que cortar palmito pode dar até três anos de prisão; transportar, até um ano. Mas os moradores assumem que são isso mesmo, palmeiros. Falam e dão seu nome. Dizem que só têm esse meio de vida. Ou extraem e vendem o palmito, ou não comem. Seguem a filosofia que, num momento de revolta, saiu assim da boca de Regina da Silva Mota, a viúva de Odair: "O palmito não é do governo, não é de ninguém. É de Deus."

No cenário de divina exuberância da Mata Atlântica, os caçadores de palmito movem-se clandestinamente, por picadas, como guerrilheiros. Enfrentam os revólveres dos guardas-parques e policiais florestais com seu facão (em abril, um palmeiro feriu gravemente um guarda), velhas espingardas e astúcia. A morte de Odair adicionou um ingrediente novo: o ódio.

Em Saibadela, os mais exaltados dizem que quem aparecer à sua frente, "de marron", "está acabado". É a cor do uniforme dos guardas. Muitos dos que fazem a ameaça conhecem José Vieira, o guarda que matou Odair. E prometem vingança, "se a lei não resolver". Odair também era conhecido de alguns guardas. Em dezembro, foi pego transportando palmito e indiciado em inquérito. Mas voltou à mata.

A cena

Ao entardecer do sábado, quatro guardas do Parque Estadual Intervales encontraram uma trilha fresca. O parque está na Serra de Paranapanema, a 250 quilômetros de São Paulo. São 49 mil hectares de Mata Atlântica, on-



Regina da Silva Mota, 30 anos, viúva de Odair (no detalhe), resume, com revolta, o pensamento que domina a pobre vila de Saibadela, reduto dos palmeiros: "O palmito não é do governo, não é de ninguém. É de Deus."

les, onde Odair foi morto, está um outro parque estadual, o Carlos Botelho, com 38 mil hectares. Os palmeiros não distinguem divisas. Atacam a palmeira juçara onde estiver. Numa manhã de 1998, sete vigias florestais batiam trilhas, atrás de palmeiros. "Nós temos que conhecer as nossas trilhas e também as deles", diz hoje um daqueles sete, o guarda Rubens Muniz, há 23 anos no parque. Subitamente, aconteceu.

"Eles eram em cinco. Largaram os palmitos e correram. Mas um deles ficou escondido, de tocaia. Quando passamos, atirou. Levei um tiro na perna e tive que andar quatro horas e meia para ser socorrido. Meu colega Santos (Marco Antônio) teve mais azar. A bala que pegou ele matou ali mesmo."

A 25 quilômetros do núcleo — em plena Mata Atlântica — onde Rubens relembra esses fatos, está Saibadela, a vila que perdeu Odair (é um bairro de Sete Barras, a 220 quilômetros de São Paulo). Durante gerações, os moradores de vilas como essa tiraram seu sustento da Mata Atlântica. A extração de palmito, uma contravenção penal, era tolerada. Hoje é crime. As leis ambientais recentes tiraram o meio de sobrevivência dos palmeiros, mas nada surgiu em seu lugar.

As autoridades que, para cumprir a lei, combatem e processam os palmeiros sabem disso. "A lei passou-os da situação social para a policial", diz o delegado de Sete Barras, Dou-

glas Simões, que investiga a morte de Odair. O tenente Ezequias Ribeiro da Costa, comandante do 1º Pelotão da Polícia Florestal e de Mananciais, em Registro, tem a mesma opinião. Acha que os conflitos devem-se ao "choque causado pela transformação da cultura de sobrevivência em crime".

Em Saibadela, está uma prova do descompasso provocado pela lei. Com quatro filhos, separada do marido, Elvira Maria Souza entrou para a guerrilha do palmito. "Fui no mato pegar. Eles correram atrás de mim, tiraram o palmito e me prenderam." Cumpriu seis meses de pena, na cadeia de Pariqueira Açu, cidade da região. "Fiquei desesperada, meus filhos aqui fora e eu lá na cadeia."

Uma irmã, casada, acabou vindo de São Paulo para cuidar dos meninos de Elvira, o menor com nove anos. A prisão foi há cinco anos. Hoje, com problemas no coração e os filhos crescidos, Elvira diz: "Quando eu posso, vou atrás do palmito. O que não dá é para passar fome."

No outro lado do conflito, estão as palmeiras juçara, que levam oito anos para atingir seus doze metros de altura — e que os palmeiros condenam à morte. O palmito está no caule, lá em cima, perto das folhas. Para pegá-lo, os caçadores derrubam o pé. Os tocos abandonados não rebrotam.

Sem piedade
 A polícia florestal diz que os palmeiros não poupam nada. Atacam até mesmo palmeiras jovens, para extrair um palmito miúdo. Mas Moisés Muniz, o homem do calombo nas costas, é mais exigente. O calombo, do diâmetro de um limão, é de carregar feixes de 40 palmitos, em caminhadas de até seis horas, em trilhas na mata. "Sou palmeiro desde que nasci", diz o homem de 43 anos, pai de quatro filhos.

"O palmito que eu pego é daqueles bem grossos. Muito bonito." Vai para a mata com os colegas, arma barraca, cozinha, feijão e arroz. Diz que não caça, porque não tem arma (mas a polícia florestal sustenta que caçam para comer). "Tem vezes que ficamos três dias. Se os guardas aparecem, queimam a barraca e às vezes dão tiro."

De volta à vila, limpam o palmito e o preparam para a venda. "A pessoa passa aqui e leva prontinho." A "pessoa" fornece os vidros de 1,8 quilo, ácido cítrico e sal. Moisés coloca os palmitos no vidro e adiciona água. "É água boa, da Sabesp." Põe o ácido cítrico, o sal, e tampa o vidro com um disco metálico. "Depois a gente cozinha, bem cozinhado. Não tem botulismo, risco nenhum." Com o calor, o disco se amolda à boca do vidro e a sela.

A "pessoa" paga R\$ 8 por vidro do palmito pronto. Leva a carga "para São Paulo e Rio". "Lá, o consumidor paga de R\$ 28 a R\$ 30." Moisés conta tudo. Diz que, no fim do mês, ele e os colegas tiram no máximo dois salários mínimos, pouco mais de R\$ 300. Só não conta quem é, de onde vem, "a pessoa".

No ano passado, a polícia florestal apreendeu 4.400 vidros de palmito (mais os 20 mil *in natura* citados na abertura desta matéria). O tenente Ezequias Ribeiro da Costa diz que a apreensão do palmito nos vidros é difícil. "Os compradores usam notas frias esquentadas no Paraná (onde há cultivo autorizado)." E muita criatividade: em dezembro, a polícia florestal "estourou" uma fábrica clandestina instalada num barco.

A direção do Parque Intervales, onde trabalha José Vieira, que matou Odair, não quis falar sobre o crime e as acusações que os palmeiros fazem aos guardas-parque. Na presidência do parque, em São Paulo, o JT também tentou mas não conseguiu entrevista.



A polícia florestal conseguiu apreender nos últimos anos uma coleção de espingardas usadas pelos palmeiros e, só no no ano passado, 4.400 vidros de palmito. Geralmente o palmito não é vendido assim, cortado, mas inteiro

de vivem cerca de 300 espécies de aves. Os guardas-parque seguiram a trilha e, como diriam na polícia, deram com um homem carregando um feixe com 34 palmitos.

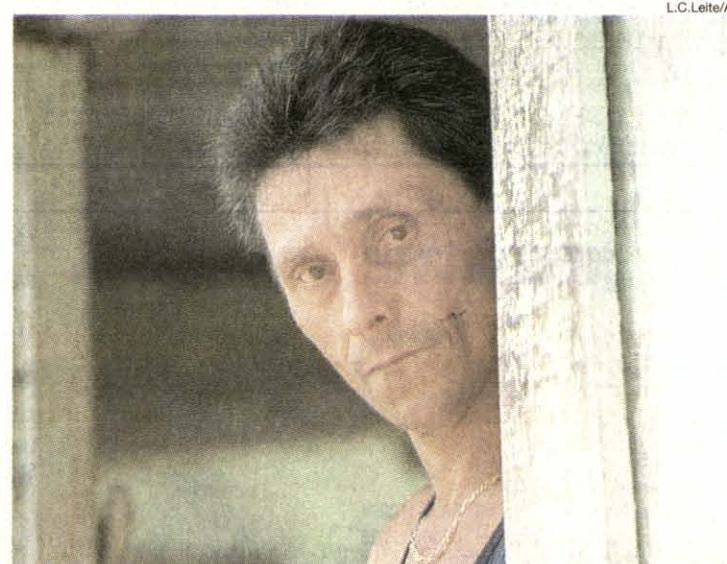
A versão dos dois guardas que depuseram como testemunhas, e do que matou, é uma repetição uma da outra. O desconhecido surgiu na frente do guarda José Dias dos Santos, jogou os palmitos no chão e sacou o facão (um facão Tramontina, com lâmina de 45 cm, afiada). José sacou o revólver (um Rossi, calibre 38, de seis tiros) e deu um tiro para cima.

O palmeiro, diz a versão, vestiu então contra o guarda José Vieira. Este, atirou; matou-o com um tiro. O corpo de Odair foi deixado ali mesmo, no silêncio da mata, perto da cachoeira do Rio Quilombo. Os quatro guardas dizem que "sairam apavorados do local". Só no domingo, o corpo foi resgatado. José Vieira depôs na quarta-feira e foi liberado.

Outra forma

Os parentes e amigos acham que os fatos se deram de outra forma. Odair teria sido espancado, antes de levar o tiro. Dizem que seu corpo tinha um olho roxo e uma costela quebrada. Isso aumentou a revolta. "Eles sempre bateram na gente, judiaram. Agora nós vamos judiar antes", diz Carlos Alberto Mota, 32 anos, um filho no ventre de sua mulher. O laudo da autópsia, que poderá esclarecer os fatos, só será conhecido em quinze dias.

Vizinho ao Parque Intervales



O palmeiro Moisés Muniz, de 43 anos, tem consciência de que sua atividade é ilegal mas, como ele mesmo diz, extrair o palmito é tudo que sabe fazer, desde criança. Caminha até seis horas por dentro da mata, carregando feixes de 40 unidades nas costas